

TRABALHO, IDENTIDADE E SOCIABILIDADE: UMA ANÁLISE DO COMÉRCIO AMBULANTE DE ALIMENTOS NAS RUAS DE GOIÂNIA¹

Tayme Pereira da Silva
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Universidade Federal de Goiás
tayme_15@hotmail.com

Resumo: Neste texto objetiva-se expor o projeto de pesquisa de mestrado sobre o comércio de alimentos nas ruas de Goiânia que analisa o caso dos vendedores de pamonha. Apresenta-se a história do comércio ambulante no Brasil, considerando as transformações ocorridas nesse tipo comércio desde o século XVIII até a modernidade. Apresenta-se surgimento do milho e toda a sua trajetória até a composição da pamonha. Discutem-se os fundamentos teóricos para as formações identitárias e o processo de sociabilidade. Nas considerações finais pretende-se desenvolver os aspectos gerais sobre o tema, ressaltando alguns questionamentos que poderão ser respondidos com a conclusão da pesquisa.

Palavras-chave: Comércio ambulante. Identidade. Sociabilidade. Trabalho. Pamonha.

INTRODUÇÃO

A presente comunicação tem como objetivo a apresentação do projeto de pesquisa² ainda em andamento, que busca analisar a organização do trabalho; construção da identidade social e a sociabilidade no comércio de alimentos (venda de pamonhas) que operam em diferentes vias públicas (regiões periféricas e regiões mais valorizadas) de Goiânia. Estabelecendo também uma análise dos vendedores que estão incluídos na legalidade e, no entanto, continuam vendendo seus produtos nas ruas.

Destacam-se as representações que são construídas em relação ao comércio ambulante de alimentos, comparando as atividades de comércio em locais diferenciados da região metropolitana de Goiânia: ruas e praças, feiras, diante de eventos culturais ou esportivos.

O enfoque concentra-se nos elementos fundamentais da construção da identidade social e profissional dos trabalhadores estudados. Esta análise implica em uma compreensão das formas identitárias como relevantes ao trabalho e a formação dos indivíduos. Ainda que

¹ Comunicação oral apresentada no seminário da linha de trabalho, emprego e sindicatos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia- UFG.

² Projeto de pesquisa submetido ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia-Universidade Federal de Goiás.

tenha sido reservada uma maior atenção à análise da identidade, isto é, do reconhecimento dos vendedores quanto à atividade ocupacional exercida, considerou-se também a relação de sociabilidade no ambiente de trabalho.

No âmbito das investigações sobre o comércio de alimentos nas ruas no Brasil, ganha destaque em Goiás, por se tratar de uma tradição histórica, a análise das relações de trabalho dos vendedores de pamonha que, em decorrência de certas peculiaridades, tem sido pouco explorado no campo das Ciências Sociais e eventualmente, não se leva em conta a identidade, as interações sociais e simbólicas, culturais desse tipo de comércio. Embora, a pesquisa ainda esteja em andamento, novas literaturas que compõe o eixo da pesquisa foram incorporadas.

O texto está estruturado da seguinte forma: num primeiro momento fizemos uma retrospectiva do comércio de rua no Brasil, posteriormente, resgatamos história da origem do milho até a produção da pamonha; e num segundo momento, abordamos o tema da identidade e sociabilidade que são os aspectos fundamentais da pesquisa. No terceiro e último momento, propomos as considerações finais, buscando refletir sobre as questões referentes ao tema estudado.

O COMÉRCIO DE RUA NO BRASIL

O comércio a retalho, o comércio de rua surge no Brasil em meados do século XVIII, quando os escravos ao serem alugados pelos seus senhores, deixavam de cumprir as funções distintas que haviam se dedicado até então, destinado ao trabalho doméstico, para desempenhar o papel de vendedores de alimentos de porta em porta pelas ruas. Alguns artistas como, Jean-Baptiste Debret ilustravam o comércio ambulante de rua em suas pinturas no século XIX.

Os anúncios que ocupavam o *Jornal do Commercio* no Rio de Janeiro em 1890, revelavam na sociedade brasileira perceptíveis mudanças em seus hábitos de consumo resultantes de um mercado e desenvolvimento comercial que atraía os ricos comerciantes e os cônsules dos mais variados países que mantinham relações comerciais com o Brasil, como também um número grande de imigrantes (Cf. EL-KAREH A. C; BRUIT, H. H., 2004).

As transformações econômicas e sociais com a reestruturação produtiva; a introdução das tecnologias no século XIX e a intensa migração do campo em 1980 para as metrópoles conduzindo ao êxodo rural que potencializou um excedente de mão-de-obra nas cidades pôde-se evidenciar o início da crise econômica e o aumento do desemprego, da precarização (deterioração das condições de trabalho) e os postos de trabalho informais.

A situação que ocorria seria mais bem descrita pela palavra “precarização” do que a palavra “desemprego” (SINGER, 2003). O cenário de informalidade que propiciava o surgimento de atividades ocupacionais como comércio ambulante de rua, que se caracteriza pela autonomia do trabalhador em trabalhar por conta própria, com baixo nível de escolaridade, sem carteira assinada, prestadores de serviços em logradouros e vias públicas da cidade.

O PREALC (Programa Regional de Emprego para América Latina e o Caribe) evidenciou que em 1980 e 1990, o número de trabalhadores informais havia crescido em 20%. Notificou-se que 28,8% dos trabalhadores informais em 1990 correspondiam a 24% da população economicamente ativa no Brasil em 1980.

Nesse contexto, o comércio de rua floresceu no Brasil. Segundo Pamplona (2011), um fenômeno vigoroso que resiste a mudanças econômicas e urbanas, alimentado pelas iniquidades da modernidade capitalista.

O comércio de rua é um fenômeno vigoroso, que resiste há séculos de mudanças econômicas e urbanas e, ao contrário do que se imaginava, não sucumbiu à modernidade capitalista, mais foi alimentado por ela, por suas iniquidades. Nas grandes cidades brasileiras, o comércio de rua envolve diretamente uma quantidade de pessoas-vendedores e clientes-grande demais para ser ignorada. (PAMPLONA, 2011)

Como prática socioeconômica fundamentada na existência de uma rede de relações sociais nas ruas, logradouros públicos, praças e avenidas. Assim é conhecido o comércio de rua.

DO CULTIVO DO MILHO A VENDA DE PAMONHA EM GOIÁS

Milho...
Punhado plantado nos quintais.
Talhões fechados pelas roças.
Entremeado nas lavouras,
Baliza marcante nas divisas.
Milho verde. Milho seco.
Bem granado, cor de ouro.
Alvo. Às vezes, vareia,
- espiga roxa, vermelha, salpintada.

Milho virado, maduro, onde o feijão enrama
Milho quebrado, debulhado
na festa das colheitas anuais (...)
(Cora Coralina)

A origem do cultivo do milho tem seu primeiro registro próximo ao litoral do México há 8.000 mil anos A.C. E há 4.000 mil anos, o milho já era cultivado na América do Sul. Os primeiros povos que habitavam a América Central domesticaram o milho e a produção de variedades de raças. Logo, os Europeus ao chegarem à América se deparam com vários tipos de milho domesticados e cultivados pelos habitantes que ali residiam.

Decorrente da colonização, o milho foi se espalhando para outros países e, eventualmente no século XVI a cultura do milho se expande e hoje é lavrado em todos continentes. Considerado o sustento da vida, foi, ao longo dos séculos, a alimentação básica de várias civilizações, Astecas, Maias e Incas.

No Brasil, o cultivo do Milho surge muito antes dos colonizadores europeus aqui chegarem. Os índios que habitavam o país já haviam incluído o consumo do milho em sua alimentação.

O cultivo do milho passa por várias fases, desde a produção como forma de subsistência- a alimentação das pessoas e de animais- até a comercialização de seus grãos. Com o passar do tempo, o consumo aumentou e novos produtos que surgiram à base do milho acabaram incorporando a dieta dos brasileiros. Há diversas formas de consumir o milho, assado, cozido dentre outros, o consumo do milho, principalmente o milho verde no Brasil é considerado bastante tradicional, principalmente quando utilizado na produção de algumas iguarias como, pamonha, curau e bolo.

Ao pensar na origem da pamonha como culinária específica do Brasil, pôde-se verificar a existência de um produto alimentício parecido com a “pamonha brasileira”, em outros países da América Latina. Conhecida por tamal³ ou tamales, surge na Mesoamérica há 8.000 e 5.000 mil A.C. e há registros de que seria consumida pelos Maias em eventos festivos no Período Pré-clássico, além de ser usada como comida portátil, para a alimentação dos exércitos Maias e Astecas. Apesar da tamal ou tamales ser parecida com a “pamonha brasileira”, há diferenças entre ambas no modo de preparo, desde alguns ingredientes utilizados que podem alterar a forma, o sabor e até o cheiro.

³ Disponível em: < <http://en.wikipedia.org/wiki/Tamale>>. Acesso em 11 de outubro de 2014.

No Brasil, acredita-se que a pamonha conhecida como “pamunã”⁴ (ALGRANTI, 2000) tenha surgido segundo Cascudo (2004) da mistura de tradições indígenas e de negros com a culinária portuguesa. Considerada um produto regional da culinária brasileira e de algumas regiões como, São Paulo, Minas Gerais, é principalmente em Goiás que a pamonha conquista com a política cultural, um tradicionalismo.

O aspecto rural é predominante em grande parte do território goiano, desde a sua criação no século XVIII, quando começa a ser ocupado, em decorrência do ouro que existia na região e que não durou muito, resultando no fim da mineração para uma forte indústria agropecuária. Dessa forma, a agricultura e pecuária passaram a serem as formas de subsistência dos goianos, que se voltou para atividades rurais, cultivando a sociabilidade nas relações familiares no campo.

Segundo Chaul (2002) nesse contexto, o processo de formação histórica de Goiás posteriormente se desenvolveu com a implantação da estrada de ferro em 1912 proporcionando uma nova dinâmica da economia do estado. Assim, as transformações políticas que marcaram a história do estado de Goiás, durante o período de 1889 a meados da década de 1930 culminaram na construção de uma nova capital que tinha como interesse romper com as práticas políticas, econômicas, sociais e trazer a modernidade.

Entretanto, a nova capital falhou em seu projeto de modernização uma vez que a mesma conjuntura social e econômica permaneceu quase intacta. Esse cenário propiciou o surgimento de trabalhos informais, exercidos eventualmente pelos imigrantes. Formas alternativas que as pessoas encontraram para a própria sobrevivência. Uma contínua manutenção do aspecto ruralista foi fator fundamental para a consolidação das ocupações informais. Como o trabalho rural exigia certa técnica, certos grupos sociais que viviam à margem do desenvolvimento social enxergaram uma alternativa em atividades econômicas que não estavam entre as profissões consolidadas.

Os fatores citados pouco mudaram com o decorrer dos anos e com a própria modernização das instituições políticas, sociais e econômicas que ocorrem em aspecto regional, nacional e internacional. Mesmo com o aumento da profissionalização, da educação e de mecanismos que garantiam melhores condições de trabalho, os imigrantes que aqui estavam e os que chegaram não compartilharam desta realidade. Apesar de considerável modernização em tempos recentes em todas as esferas da vida pública e privada no estado de

⁴ Nome da pamonha na língua tupi.

Goiás e, mais especificamente, em Goiânia, o caráter rural e a marginalização de setores minoritários da sociedade de outrora continuam.

Nos anos recentes Goiás tornou-se um dos estados mais desenvolvidos do Brasil com uma economia bastante diversificada, polos industriais, ecoturismo, agropecuária e agricultura. Segundo os dados da SEPLAN⁵ (2012) de Goiás (Secretária de Estado de Gestão e Planejamento) o estado é o quinto produtor nacional de milho, obtendo 37,99% da produção de milho em 2011.

Nesse contexto de considerável produtividade de milho em Goiás, evidencia-se a tradição da pamonha como prato típico da culinária goiana. Quando se pensa nesse tipo de alimentação, logo simbolizamos festas, encontros familiares em sítios, fazendas e roças, como as pamonhadas que fazem parte de uma tradição e uma cultura rural dos goianos.

A pamonha surge em Goiás por volta do século XX, quando os colonos e os paulistas que passaram pelo estado trouxeram além da mão de obra, aspectos culinários tradicionais para serem incorporadas as tradições goianas. Segundo Carvalho (1988) Goiás herdou vários aspectos culturais de outras regiões do país, inclusive a tradicional pamonha.

Logo, a pamonha teve uma significativa aceitação por grande parte da população e atualmente, em decorrência da correria do dia a dia é por vezes consumida como um rápido lanche que pode substituir a alimentação básica. Em Goiás a comercialização da pamonha é realizada nas ruas, feiras, restaurantes e pamonharias e algumas famílias ainda mantêm a tradição do preparo da pamonha em reuniões sociais consideradas como “pamonhada”. Segundo Molina (2001) a pamonhada é realizada durante a colheita do milho verde, como uma forma festiva, onde o produto incorpora um caráter simbólico.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA O PROCESSO DE SOCIABILIDADE E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE SOCIAL E PROFISSIONAL

O trabalho dos vendedores de pamonha é capaz de promover a sociabilidade e construir certa subjetividade e identidade. A identidade segundo Claude Dubar (2005) compreendida mediante o conceito de *habitus*⁶ que se trata de um produto de uma história capaz de definir a trajetória social dos indivíduos.

⁵ Goiás em Dados – 2012. Disponível em: < <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/down/godados2012.pdf>.> Acesso em 11 de outubro de 2014.

⁶ A definição de *habitus* compreende-se por disposições incorporadas pelos sujeitos sociais ao longo de seu processo de socialização; integra experiências passadas, atua como uma matriz de percepções, de apreciações, de ações. *Habitus* é um operador, uma matriz de percepção e não de identidade ou uma subjetividade fixa.

A construção das identidades profissionais e sociais dos trabalhadores aqui analisados pode ser pensada através das relações no ambiente de trabalho, domínio familiar, crenças e experiências primárias, disposições ligadas à trajetória social destes indivíduos.

A identidade é fruto do processo de socialização, observado por Durkheim que constitui uma incorporação das maneiras de ser do indivíduo (visão de mundo), buscando focalizar uma característica essencial da formação do mesmo (DUBAR, 2006, 2005). A socialização segundo transforma os indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para outro.

Segundo Dubar:

É pela análise dos “mundos” construídos mentalmente pelos indivíduos a partir de sua experiência social que o sociólogo pode reconstruir melhor as identidades típicas pertinentes em um campo social específico. Essas “representações ativas” estruturam os discursos dos indivíduos sobre suas práticas sociais “especializadas” graças ao domínio de um vocabulário, à interiorização de “receitas”, à incorporação de um programa, à aquisição de um saber legítimo que permita a um só tempo a elaboração de “estratégias práticas” e a afirmação de uma “identidade reconhecida”. (Dubar, 2005, p. 129)

Os mecanismos centrais do processo de socialização são constituídos pelas transações, e articulam-se formando a chave para a compreensão da construção das identidades sociais.

A transação subjetiva depende, de fato, das relações para com o outro, constitutivas da transação objetiva. A relação entre as identidades herdadas, aceitas ou recusadas pelos indivíduos, e as identidades visadas, em continuidade às identidades precedentes ou em ruptura com elas, depende dos modos de reconhecimento pelas instituições legítimas e por seus agentes que estão em relação direta com os sujeitos envolvidos. A construção das identidades se realiza, pois, na articulação entre os sistemas de ação, que propõem identidades virtuais, e as “trajetórias vividas”, no interior das quais se forjam as identidades “reais” às quais os indivíduos aderem. (id., p. 140-141)

No que tange a sociabilidade Simmel (2006) situa que ela estaria nas combinações de inúmeras maneiras divergentes de interagir em função de seus interesses. Para o autor:

Toda sociabilidade é um símbolo da vida quando esta surge no fluxo de um jogo prazeroso e fácil. Porém, é justamente um símbolo da vida cuja imagem se modifica até o ponto em que a distância em relação a vida o exige. Da mesma maneira, para não se mostrar vazia e mentirosa, a arte mais livre,

Analisando como produto da história, o *habitus* é um sistema de disposições aberto, permanentemente afrontado a experiências novas e permanentemente afetado por elas. Ele é durável, mas não imutável (BOURDIEU, p.83, 2002).

fantástica e distante da cópia de qualquer realidade se nutre de uma relação profunda e fiel com a realidade. (SIMMEL, 2006, p. 80)

De acordo com Simmel a sociabilidade é o fenômeno dado por meio de impulsos ou finalidade no que concerne a vida própria. Exercício livre de todos os conteúdos materiais. O autor situa que para que haja a socialização deve existir o agrupamento dos indivíduos em unidades que irão satisfazer suas necessidades.

Mead citado por Dubar (2005) declara que há três etapas importantes no processo de socialização, a primeira delas trata-se da assunção dos papéis da criança ao se socializar, depois parte para a escola maternal, onde a criança aprende e compreende as regras da vida no qual, cabe à mesma desempenhar o seu devido papel social. Já a terceira e última etapa enfatiza o sentimento de pertencimento a uma comunidade em que a criança tenha se identificado.

O modo como a criança percebe o mundo e o interioriza na linguagem, é o processo que constitui a socialização, que assegura a subjetividade de um “eu” e de um mundo como, códigos são predefinidos para se compreender as situações sociais. Afirma P. Berger e T. Luckman:

“A posse subjetiva de um eu e de um mundo” e, portanto, a consolidação dos papéis sociais, redefinidos por B.L. como “tipificações de condutas socialmente objetivadas, isto é ao mesmo tempo “modelos predefinidos de condutas típicas” e **códigos** que permitem a definição social das situações, ou seja, “as que são pertinentes tanto aos olhos do ego como do outro no contexto de situação comum”(DUBAR, 2005; p.121)

O processo de socialização nunca é totalmente bem sucedido e nunca a socialização é total. Assim, a socialização secundária passa a consagrar um lugar importante, vista como, um processo de convertimento da identidade do mundo social. Tal socialização constrói uma identidade mais consistente, essencial para as relações sociais no qual, envolve-se na transformação do trabalho e dos saberes (DUBAR, 2005).

Por mais que a socialização secundária procure afastar-se da socialização primária, ambas não são totalmente independentes, tendo em vista que uma abordagem feita no processo de socialização como uma perspectiva de transformação social depende dos dois processos, secundário e primário, com a finalidade de assegurar a construção dos mundos sociais.

Os estudos realizados em uma abordagem da socialização compreendem que a construção de “mundos” feita pelos indivíduos contribui de algum modo para que teóricos possam fazer uma análise reconstrutiva sobre as identidades típicas a um campo social específico. A partir dessas representações, o indivíduo discute as suas práticas sociais, relações com os sistemas, relações com a linguagem, constroem as identidades a partir das representações individualistas subjetivas de si mesmas.

A base para a primeira experiência identitária de um indivíduo é dada desde sua infância, quando o mesmo absorve e constrói sua identidade mediante a relação familiar e escolar. Dubar (2005) situa que o confronto existente entre a saída do sistema escolar e o mercado de trabalho é importante para a construção de uma identidade autônoma e para a identidade profissional. Tal identidade profissional para si torna-se cada vez mais indefinida, tendo em vista que é marcada por confrontos, incertezas a uma forma de estabilização social.

Dubar (2005) explica este processo:

O que acontece aos jovens que entram no mercado de trabalho sem diploma ou pouco escolarizado? Uma parte deles aprendeu, a partir da sua socialização familiar, escolar ou pós-escolar e/ou a partir da primeira confrontação com o mercado externo do trabalho, que a formação inicial não bastava para actualmente se construir uma identidade profissional. Estes jovens têm estratégias de emprego e de formação multidireccionais (Dubar *et alii*, 1987, pp. 157-162) que combinam estágios múltiplos, empregos de espera e formas pessoais de acesso a saberes profissionais. Utilizam intensamente as redes de relações, nomeadamente as familiares (C. Mairy, 1983), para aceder a empregos mesmo que precários e a formações mesmo que pouco qualificantes. Concebem a vida profissional como uma evolução permanente no decurso da qual jamais terão finalizado a aprendizagem e na qual terão de forjar uma identidade aberta a todas as progressões possíveis. Como definir, esta identidade de espera que não pode organizar-se em tomo de uma especialização profissional de ponta sob pena de ser desacreditada antes mesmo de ser experimentada a identidade?

O processo identitário relacional na esfera profissional é dado pela relação do indivíduo com suas atividades coletivas organizacionais e intervenções nas representações. Dubar (2005) afirma que o processo relacional concebia as competências e imagens de si dentro do sistema de ação. A identidade para Claude Dubar não seria passada de geração para geração, cada indivíduo constrói a sua, através das categorias e posições herdadas pelas gerações anteriores.

A identidade não está dada, ela é construída mediante a dualidade entre a identidade para si (biográfico) e para o outro (relacional), ambas são inseparáveis, o reconhecimento de si mesmo se dá através do olhar do outro:

Identidade para si e identidade para o outro são inseparáveis e estão ligadas de uma forma problemática. Inseparáveis porque a identidade para si é correlativa do Outro e do seu reconhecimento: eu só sei quem eu sou através do olhar do Outro. Problemáticas porque “a experiência do outro nunca é diretamente vivida por si”... de tal forma que nos apoiamos nas nossas *comunicações* para nos informarmos sobre a identidade que o outro nos atribui... e, portanto, para forjarmos uma identidade para nós próprios" (Laing, p. 29). Ora, todas as nossas comunicações com os outros são marcadas pela incerteza: posso tentar pôr-me no lugar dos outros, tentar adivinhar o que pensam de mim, até imaginar o que pensam que eu penso deles, etc. Não posso colocar-me na sua pele. *Eu* nunca posso ter a certeza que a minha identidade para mim coincide com a minha identidade para o outro. (DUBAR, 2005).

Na obra de Dubar *A crise de identidades*: a interpretação de uma mutação aborda três processos históricos: civilizatório, racionalização e de libertação que modifica as formas de conceber o indivíduo, bem como, expõe a questão da formação identitária e sua crise no século XX.

O processo civilizatório seria compreendido através da relação entre a identidade do Eu e a identidade do Nós, onde a identidade se mantém orientada para o outro. Já o processo de racionalização descrito em Weber, tendo como base as esferas religiosas, difunde uma lógica de pensamento e ação em todas as esferas que visa um fim e ao mesmo tempo, implica no surgimento das formas sociais: societária (sentimento de pertença) e comunitária (acordo, coordenação de interesses determinados pela racionalidade).

Por último, o processo de libertação é descrito como um processo de reversão da dominação de uma classe sobre a outra e como uma transição das sociedades capitalistas a sociedades comunistas.

O processo de civilização dá origem a um Nós comunitário, que domina os Eus submetidos ao seu lugar na sua linhagem, a um Nós societário, que reúne os Eu estrategos e autocontrolados (“estatutários”). O processo de racionalização transforma as formas comunitárias tradicionais e plenas de magia em formas 31 societárias desencantadas, mas comprometidas na transformação do mundo pelo trabalho, visto como vocação e caminho da salvação (“narrativas”). O processo revolucionário de libertação, às vezes, transforma os Eus alienados pela exploração econômica e a dominação de classe em Eus críticos, “multidimensionais” e livremente associados (“reflexivos”). (id., p.49-50) (DUBAR, 2006).

Nesse percurso histórico surgiram às identidades, cultural, narrativa, reflexiva e estatutária. (DUBAR, 2006). Identidade cultural seria resultado de uma sociabilidade.

METODOLOGIA

Para análise da pesquisa em andamento sobre o comércio de alimentos, em específico, a venda de pamonhas (tradicional) nas ruas, espaços públicos de Goiânia-Go realizaremos uma consulta a seleção e análise de dados provenientes do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios) e da PME (Pesquisa Mensal de Emprego), ou a cadastros municipais de feiras abertas ou centros populares de comércio.

A bibliografia levantada trará obras relacionadas com a temática, principalmente artigos, dissertações e teses, além de matérias informativas na mídia tradicional (jornais, revistas, rádio, TV) e na mídia digital (internet). Para compreender as formas identitárias a partir do processo de socialização iremos recorrer aos estudos realizados por Dubar (2005). O autor oferece as contribuições fundamentais da sociologia clássica para a compreensão do processo de socialização e de identidade. Também utilizamos conceitos de Simmel (2006) sobre a sociabilidade.

Faz-se necessário a utilização de uma abordagem qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas através de questionários respondidos juntos ao entrevistado. De acordo com Boni e Quaresma (2005, p. 75-76):

As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. [...] Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. A principal vantagem da entrevista aberta e também da semiestruturada é que essas duas técnicas quase sempre produzem uma melhor amostra da população de interesse.

O uso dessa técnica possibilitará compreender a forma como o processo de socialização influencia ações dos tradicionais vendedores de pamonha e na construção de suas identidades. Pretende-se também utilizar o aplicativo computacional de análise qualitativa *Atlas-ti* para codificação e análise das entrevistas.

Em Goiânia será calculada uma amostra estratificada com base em indicadores sociais como renda e escolaridade, para selecionar os informantes no espaço da cidade, mapeado em regiões. Serão elaborados roteiros de entrevistas para aplicação presencial, com registro em gravadores digitais. A observação sistemática, de tipo etnográfica, também será fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo estabelecer uma análise histórica e teórica sobre o tema de pesquisa de mestrado que está andamento. Espera-se que os elementos teóricos apontados no texto possam contribuir para a compreensão do comércio de alimentos nas ruas de Goiânia; a construção da identidade e sociabilidade no trabalho dos vendedores de pamonha.

Desde o século XIX o comércio ambulante de rua tem sido realizado no Brasil. As transformações econômicas, políticas e sociais, conduziram ao crescimento desse comércio que atualmente compõe a economia informal.

Em Goiânia, as tradições mantêm-se vivas mesmo depois da política de modernização. Diante do contexto histórico de sua criação até hoje, verifica-se que há uma inserção de boa parte da população na informalidade. Dentre as formas de trabalho em condições deterioradas, encontra-se o comércio de rua, em especial o comércio ambulante de alimentos nas ruas.

A venda de alimentos nas ruas é algo comum nas grandes capitais brasileiras. Em Goiânia, o grande destaque dessa pesquisa é a análise dos vendedores de pamonhas. Ao pensarmos no produto, logo, associamos ao campo, mantenedor de um caráter rural e considerado um prato típico tradicional dos goianos, a pamonha gera alguns dúvidas com relação a sua origem.

No México há aproximadamente 8.000 anos a.C. surge o milho e mais ou menos nessa época, a tamal ou tamales como é conhecida emerge na Mesoamérica, inserida na alimentação dos Maias em eventos festivos e usada como comida portátil. Embora, a tamales possua características parecidas com a “pamonha brasileira” ambas mantêm distinções com relação ao seu preparo.

Ao pensar na venda de pamonha em Goiânia. Chama particularmente à atenção a possibilidade de existir uma política cultural em Goiás que constrói uma cultura da pamonha como um produto tradicionalmente goiano. Por outro lado, não se pode deixar de considerar que a pamonha não é um prato típico somente de Goiás, mas de outras regiões do Brasil e que sua origem ainda gera muitas controvérsias. Diante disso, um número significativo de teóricos acreditam que a pamonha provém da mistura de tradições dos negros, indígenas e portugueses.

Diante das controvérsias do surgimento da pamonha, em Goiás relatava-se que os colonos e paulistas haviam possibilitado o primeiro contato com a mesma, quando não

trouxeram na bagagem apenas a mão-de-obra, mas aspectos culturais de sua terra que logo acabou sendo incorporada na cultura dos goianienses.

Um fator importante e elemento fundamental dessa pesquisa é o reconhecimento desses trabalhadores. Como eles se reconhecem mediante a ocupação exercida. Levando em conta o processo de socialização e a sociabilidade no trabalho. Dessa forma, propõe pensar o trabalho como uma esfera contribuinte para a identidade social e profissional do indivíduo.

Destaca-se o interesse de analisarmos os trabalhadores de rua como aqueles que possuem estabelecimentos fixos, com objetivo de compreender as motivações, tendo em vista através das narrativas que contam a trajetória do indivíduo, para o engajamento na ocupação exercida.

Resta, ainda pra finalizar, dizer que procuraremos aproveitar o máximo as experiências vivenciadas em campo para uma análise mais detalhada de nosso objeto e principalmente, compreender os objetivos levantados pelo tema. Mesmo que não se esgote o assunto abordado, consideramos que essa pesquisa ao ser finalizada possa colaborar com outras investigações que analisem o trabalho no comércio de alimento nas ruas.

REFERÊNCIAS

ALGRANTI, M. *Pequeno Dicionário da Gula*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ANTUNES, R. Dimensões da precarização estrutural do trabalho. In: DRUCK, G; FRANCO, T.(org). *A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização*. São Paulo: Boitempo, 2007. p.13-22.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas nas Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Universidade Federal de Santa Catarina, v.2, n.1, jan-jul/2005.

BOURDIEU, Pierre. Entrevistado por Maria Andréa de Loyola. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

CARVALHO, A. J. *Cozinha típica brasileira: sertaneja e regional*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

CASCUDO, L. da C. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo/ Belo Horizonte: Editora USP/ Itatiaia, 2004.

_____. História da alimentação no Brasil. 4. ed. São Paulo: Global, 2011.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 23. ed. São Paulo: Global, 2006.

CHAUL, N. N. F. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: CEGRAF, 1997.

DO RIO, João. *A Alma Encantadora das Ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DUBAR, Claude. *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Claude. *A crise das identidades. A interpretação de uma mutação*. Porto: Afrontamento, 2006.

EL-KAREH A. C; BRUIT, H. H. *Cozinhar e comer, em casa e na rua: culinária e gastronomia na corte e no Império do Brasil*. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 33, p. 76-96, 2004.

GONÇALVES, Moura Silva Jerusa. Economia (da periferia) urbana: a informalidade no bairro de São Caetano, subúrbio rodoviário de Salvador- BA. III Seminário Política Sociais e Cidadania, 2010, nov. Bahia.

JAKOBSEN, Kjeld. (et alli). (Orgs.). *Mapa do trabalho informal no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

MOLINA, Suely Ferreira Lopes. *Sobre comidas e o ato de comer em Goiás: uma reflexão acerca da goianidade*. In: Nasr Fayad Chaul; Paulo Rodrigues Ribeiro (Orgs.), *Goiás: identidade, paisagem e tradição*. Goiânia: UCG, 2001.

MOURA JÚNIOR, Cosme Oliveira. : o caso de São Luiz. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Maranhão, São Luiz.

PAMPLONA, J. B. Mercado de trabalho, informalidade e comércio ambulante em São Paulo: *Revista brasileira de estudos de população*. São Paulo, v.30, n.1, jan/jun2013.

POCHMANN, Marcio. *O emprego na globalização*. São Paulo: Boitempo editorial, 2001.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SINGER, Paul. *Globalização e desemprego – diagnóstico e alternativas*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

UDRY, C. V.; DUARTE, W. (orgs.). *Uma história brasileira do milho: o valor dos recursos genéticos*. Brasília: Paralelo 15, 2000.